



## **O prazer como matéria-prima do trabalho e do lazer**

Ernani Maletta<sup>1</sup>

Vivemos um momento histórico em que as formas de se estar no mundo, de agir, de se manifestar, em suma, de ser e viver, orientam-se na contramão das “oposições” binárias, dicotomias e dualidades que vêm protagonizando a cena do cotidiano, em âmbito mundial. A binariedade supõe que a identidade de algo se restrinja a duas únicas possibilidades que mutuamente se excluem, cuja imagem poderia ser um segmento de reta sobre o qual devemos nos posicionar o mais perto possível de uma das extremidades e, conseqüentemente, o mais afastado possível da outra. Esses extremos são considerados “opostos” – termo com o qual não concordo –, como se em um deles reinasse Apolo, representação do que é convencionalizado como belo, correto, equilibrado, previsível, adequado, simétrico, que dessa forma não se inter-relacionaria com Dioniso, que corresponde às desmedidas, desequilíbrios, irregularidades, imprevisibilidades, dissonâncias.

Com base nessa forma de perceber as oposições – equivocada, na minha opinião –, as convenções nos modelam estrategicamente. Quando surgimos neste mundo, o fazemos em qualquer um dos infinitos pontos interiores desse segmento em cujos extremos estariam Apolo e Dioniso, e não haveria por que desejar a afiliação a apenas um deles, em detrimento do outro. Porém, as convenções nos impõem uma “vida em linha reta”, na qual viver implica caminhar para nos aproximarmos cada vez mais de um desses extremos, afastando-nos do outro. Analogamente, nosso objetivo de vida no tempo presente seria caminhar na direção do futuro, afastando-nos cada vez mais do passado. E, para que vivamos ou experimentemos “algo” com plenitude, devemos nos afastar o máximo possível do “não algo”, considerado seu oposto.

---

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pós-doutorado na Universidade de Bolonha (Itália). Professor dos cursos de graduação em Teatro e de pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG. Diretor cênico e musical de espetáculos teatrais no Brasil e na Europa.

Recusando firmemente essa ideia, preciso antes de tudo compartilhar minha convicção de que confundimos *oposição* com *negação*. O “não algo” não é oposto de “algo”, mas a sua negação. Opostos – Apolo e Dioniso – não se negam, mas reciprocamente se iluminam. Ao contrário da negação, a existência de um depende da afirmação da existência de seu oposto. Assim, penso que a imagem mais precisa para cada uma das circunstâncias que compõem a vida jamais deveria ser um segmento de reta, mas uma circunferência, como um anel, na qual não existem extremos dos quais eu necessariamente me afasto quando caminho. De fato, se nos posicionarmos em um ponto qualquer dessa “vida-anel”, quanto mais caminharmos nela, para nos afastarmos desse ponto, mais nos reaproximaremos dele, inevitavelmente. Caminhar em direção ao futuro implica revisitar o passado, continuamente.

De diversas maneiras, percebemos que trabalho e lazer são exemplares no que diz respeito a essas negações e oposições. Possivelmente, há muita gente que percebe cada um deles nos extremos de um segmento de reta, estabelecendo a impossibilidade de uma aproximação. Penso que, nesse caso, para essas pessoas, infelizmente o trabalho seja fiel à sua origem etimológica *tripalium*, um instrumento de tortura; por isso, a negação do lazer.

Por outro lado, há também muita gente – que um otimismo me faz acreditar que seja a maior parte da humanidade – para quem o trabalho é o momento de criação, de realização, de alcance de objetivos. Por isso, é fonte de prazer. A necessidade de produzir, de chegar a um resultado, cria uma tensão, que se esvai quando essa necessidade é satisfeita e... Eis o prazer! Exatamente o que buscamos nos momentos de lazer.

Não quero com isso afirmar que o trabalho necessariamente se transforma em lazer, e penso que ganhamos nada em reduzir um ao outro. Pelo contrário, percebê-los como opostos que se iluminam é muito valioso, tão distantes quanto próximos nos anéis da vida, como faces distintas de um mesmo organismo cuja matéria-prima é o prazer.

Não é qualquer novidade que, tantas vezes, o lazer de uns é assistir ao trabalho de outros... que muitas pessoas, em seu momento de lazer, escolhem fazer atividades que para outros tantos seria um trabalho pesado. Talvez não haja algo que, realmente, possa ser percebido de forma absoluta como um ou outro. E não importa definir se o que fazemos é exatamente um ou outro. O que importa é o prazer, gerado por ambos, sem o qual, eu penso, viver não vale a pena.